

REFÉNS DA INCOMPETÊNCIA

José Augusto Carvalho

28

O novo (des)acordo ortográfico, por sua estupidez, deixou-nos reféns dos dicionários e do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp), não apenas por causa do hífen, mas também por causa do humor dos dicionaristas, nem sempre preparados para a função que exercem. Acredito mesmo que, à exceção de Antônio Geraldo da Cunha, que colaborou com o *Dicionário Houaiss*, e que infelizmente faleceu, nenhum colaborador ou autor de dicionário de língua tenha ou ponha em prática noções básicas de lexicografia.

O emprego do hífen é um samba do crioulo doido, porque sem lógica e sem possibilidades de normalização. Senão vejamos os pares abaixo em que a primeira palavra é hifenizada; e a segunda, de formação idêntica, não. Consulto o *Volp*: planta-mãe/planta matriz; célula-tronco/sequestro relâmpago; pé-de-meia/pé de moleque; cachorro-quente/elefante branco (coisa im-

portuna); ponto-final/ponto de exclamação ou ponto e vírgula; afro-brasileiro/afrodescendente; norma-padrão/desvio padrão; pronto-socorro/pronto atendimento; histórico-cultural/infantojuvenil; passa-tudo/passatempo; perde-ganha/ vaivém; ano-novo/ano velho; carro-forte (forte aqui com sentido de fortaleza, como “forte S. João”)/carro esporte; etc., etc.

Quanto ao humor dos dicionaristas, a coisa piora. O *Aurélio* ensina que o verbo explodir é defectivo, isto é, não se conjuga em todos os tempos e pessoas por lhe faltar a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, todo o presente do subjuntivo. No entanto, no próprio verbete explodir, onde consta essa informação, o verbo aparece conjugado em todos os tempos e pessoas. O Houaiss, contrariando todas as gramáticas, conjuga integralmente o verbo adequar: eu adéquo, tu adéguas... No entanto, gramáticos como Domingos Paschoal Cegalla, ensinam que, se o verbo adequar não fosse defectivo, sua conjugação seguiria a do verbo recuar, e acrescenta: “Não existem as formas adéqua, adéquam, com e tônico.” (CEGALLA. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, s.v.)

Na minha gramática, já em segunda edição, denuncio arbitrariedades do *Volp*. Todas as gramáticas ensinam que azul-celeste e azul-marinho, por exemplo, são adjetivos invariáveis. O *Volp* inova: azuis-celestes, azuis-marinhos. As gramáticas ensinam que o nome de cor composto, formado por adjetivo com nome de cor mais substantivo comum, é invariável: verde-mar, vermelho-

-brasa, amarelo-laranja. O *Volp* inova: verdes-garrafas, azuis-ferretes, verdes-mares. Que critérios seus autores adotam para ir de encontro às lições tradicionais?

O *Caldas Aulete* eletrônico às vezes é um desastre completo. Recusa o feminino presidenta (que o *Houaiss*, o *Aurélio* e o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* aceitam), mas não recusa governanta e infanta, femininos que, como presidenta, também tiveram sua forma masculina oriunda do participio presente latino.

Em julho de 2010, ao explicar Gálico, como a “Palavra do Dia”, o *Caldas Aulete* colocou como sinônimos os adjetivos pátrio e gentílico. Mandei um e-mail para a Lexikon Editora Digital, citando a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, editada pela Nova Fronteira em 1985, mesma editora do *Caldas Aulete*: “Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na Nomenclatura Gramatical Brasileira e na Nomenclatura Gramatical Portuguesa, mas que nos parecem necessárias” (Versais e grifos dos autores). E expliquei: Assim, semita é gentílico que compreende diversos pátrios (hebreus, assírios, aramaicos, fenícios e árabes); mesopotâmico é gentílico que compreende assírios, caldeus, sumérios e babilônicos; mas pátrio diz respeito à região: brasileiro, português e francês são pátrios.

A resposta, assinada por Luiz Roberto Jannarelli, é um atestado de submissão ao erro: Caldas Aulete reconhece a lição de Celso Cunha e Lindley Cintra, mas prefere seguir o que dizem os principais dicionários de língua: o *Houaiss* e o *Aurélio*. Mesmo reconhecendo o erro, prefere ser maria-vai-com-as-outras (expressão que hifonizo conscientemente apesar da lição espúria do Volp).

Só me resta rezar para que os portugueses, dando prova de inteligência e discernimento, continuem lutando contra as arbitrariedades do novo acordo ortográfico.